



A idéia que fazemos dos preconceitos é simplória. Diz o senso comum que qualquer preconceito é mau e errado. Mas a vida é tão mais complexa do que isso, e em matéria de complexidade (o que nem sempre quer dizer complicação, muitas vezes significa "riqueza de aspectos") nossa espécie é imbatível. Veja só a história com que estive lidando recentemente no consultório.

O filho veio se queixar com a mãe que ele queria direitos iguais aos da irmã. "Se ela pode trazer os namorados para dormir com ela aqui em casa, por que eu não?" De fato, já havia algum tempo que a irmã conquistara o direito de dormir em casa com seu namorado. Não foi nada fácil para aquela mãe viúva, de formação católica, se adaptar a essa "modernidade", mas, pesando os custos de não saber onde andava a filha em tempos tão perigosos, finalmente capitulou.

O que o filho lhe pedia, no entanto, era-lhe dez vezes mais complicado. Passo a palavra a ela: "Tive de lutar e muito com meus preconceitos para aceitar a homossexualidade do meu filho. Parti do célebre "onde foi que eu errei", passando pela idéia de que, se não era um erro de educação, poderia ser uma doença corrigível, talvez houvesse alguma cura, alguma terapia, talvez fosse alguma fase que ele superasse. Precisei, eu mesma, de muita ajuda para entender que ele não era culpado de nada, nem eu, nem ninguém. Que meu filho tem apenas uma variação da natureza, nasceu assim e nada fará com que mude. Ele é como um canhoto, outra variação da natureza muito parecida com a homossexualidade: é também minoria e igualmente já foi considerado um erro de educação que uns bons castigos (além de amarrar a mão esquerda para forçar a criança a usar a direita) poderiam dar jeito. Amo meu filho da maneira que ele é, mas isso não impede que minha cabeça fique torta com algumas coisas. Por exemplo: se vejo minha filha com o namorado, dificilmente fico pensando no que eles fazem quando estão sozinhos. Mas quando vejo meu filho com outro rapaz em atitudes de mais intimidade (não precisa ser grande coisa, não), morro de constrangimento com as cenas que me aparecem em pensamento. Se isso já acontece nessas situações leves, imagine se ele trouxesse seus parceiros para cá, para "dormir" no seu quarto, a dez metros do meu? Vivo me recriminando por meus preconceitos, por contribuir para que sua vida seja mais difícil do que já é, dada sua condição. Mas não acho justo que algumas características minhas também não sejam aceitas. Não acho simples que eu seja tachada de preconceituosa e pronto, e forçada por essa chantagem, tenha de assimilar qualquer coisa. Meu pudor, por exemplo. Sempre me constrangeu trocar de roupa na frente de meus filhos. Não faço nenhum escândalo se minha nudez é surpreendida acidentalmente, mas sempre peço licença para voltar a ficar sozinha, e não vejo nenhum mal nisso. Outra coisa é que vejo, sim, uma diferença entre a situação da minha filha e a dele. Desde a famosa licença para dormir com o namorado, ela só mudou de parceiro duas vezes. Nas duas, foram rapazes que me foram apresentados, com quem tive tempo de reparar em seus modos e de ir aprendendo a confiar neles. Meu filho me explica que não é tão fácil para os gays estabelecerem relações do tipo namoro, e que ele bem que gostaria de encontrar alguém que fosse sua alma gêmea. A idéia de ter um homem estranho em casa durante a noite, e na semana seguinte ter outro, além de todos os problemas que relatei, me apavora por nossa segurança, assim como me aterroriza o que pode significar para a saúde de meu filho."

Acho essa uma história exemplar da complexidade humana. Mais ainda pela maneira amorosa como está sendo conduzida uma busca de justiça. Não pense que tudo se passa através de conversas serenas. Há muito choro e ranger de dentes, raivas e acusações, momentos de destempero de lado a lado. Mas mãe e filho não se vêem como inimigos, e, sem saber, estão exercendo a mais bela prática democrática. A democracia não se resume a votar, na verdade a votação (que nem cabe no caso) é o último passo democrático, antecedido de muita negociação respeitosa, mesmo dentro da mais dura divergência.

Como esse episódio vai ser resolvido? Não sei. Mas me importa ver como ele está acontecendo, sem autoritarismo e com consideração pelos preconceitos de ambos os lados.

**Francisco Daudt da Veiga** psicanalista e autor, entre outros livros, de "O amor companheiro A Amizade Dentro e Fora do Casamento" (ed. Sextante)

(Recebido de Lúcia, lista FEPC [www.edicoesgil.com.br](http://www.edicoesgil.com.br))